



Mãe Terra

Os índios canoieiros do Pantanal

Recebi um lindo presente durante minha visita ao Povo Guató: uma antiga canção cantada pelas crianças na sua língua original. Parece simples, mas isso é o resultado de uma longa estória de resistência.

O Povo Guató é povo canoieiro que vive, “desde sempre”, nas águas do Pantanal. De fato, grupo étnico diretamente filiado ao tronco lingüístico Macro-Jê, há indícios se seu estabelecimento no Pantanal há mais de 500 anos. É povo conhecido por não se submeter aos exploradores.

Antigamente, viviam, literalmente, dentro de suas canoas. Lá comiam, dormiam, pescavam e faziam amor, numa relação intrínseca com o ciclo das águas, com os ciclos da natureza. Em conexão direta com a Mãe Terra. Eram nômades. Ao mesmo tempo em que essa estratégia lhes dava muita mobilidade, também os deixava frágeis diante da expansão e do poder de outros povos indígenas da região e dos recém chegados homens brancos. Foram quase dizimados. Para se salvarem, migraram para vilas e vialarejos; se misturaram, foram sendo

“civilizados”. Se espalharam pela região toda e muitos se esqueceram de sua origem Guató.

Foi então que o irmão do atual cacique decidiu reunir seu Povo. Em sua luta para provar a legitimidade da Terra Indígena Guató, foi assassinado. Tempos depois, seu irmão, o atual cacique, Seu Severo, retomou a luta e a Reserva Indígena Guató, na Ilha Ínsua, foi finalmente demarcada em 1996

Severo correu as vilas, vilarejos, fazendas e cidades, chamando seu povo a resistir, a se unir, a voltar para seu lugar e suas origens culturais; a maior parte já mestiça. Mas, sendo o importante a vontade de ser Guató, muitos responderam ao seu chamado. E hoje vivem 29 famílias na Ilha Ínsua.

Povo dilapidado em sua cultura, quase perdeu sua língua original. O guardião dessa língua, seu Veridiano, está velho e doente, mas antes de partir, assumiu a responsabilidade de deixar seu legado e ensinar (relembrar) a seu povo a sua língua original. E foi assim que Zaqueu, aprendiz de Seu Veridiano ensinou às crianças a canção que cantaram lindamente para mim!!!

Não sei se essa estória é verdade. De qualquer maneira, é uma bela metáfora da resistência de um Povo para se manter em conexão com a Mãe Terra!

Próximo Mês:

As antigas tradições compreendiam o mês de novembro como uma época de preparação para mudanças pessoais e coletivas, um prenúncio dos novos tempos.

Segundo Mirella Faur, devemos “reservar este mês para completar ou finalizar projetos e compromissos e descartar o que não serve, refletindo sobre os ciclos da vida e da natureza”.

Harmonize-se com a magia do mês de novembro e venha purificar-se no ritual de plenilúnio, numa celebração dos ciclos e da vida!

Celebração do plenilúnio

Ritual de Purificação
Conexão com a Lua

13 de novembro, quinta-feira
20h, na Unipaz

Somente para mulheres

Edição e Diagramação: Nane Silva

Revisão: Lacy Silva

Colaborações: *As virgens negras:* Mirella Faur; *Posta-restante:* Maria Amaziles; *De fora para dentro:* Nane Silva; *Arte na Vida:* Clarissa Vargas; *Mãe Terra:* Helena Maltez;
Informações: Luzia – 3326-1013; Nane – 96779453

Web: www.teiadethea.org
teiadethea@teiadethea.org

Bibliografia: *O Anuário da Grande Mãe* de Mirella Faur; ;
Imagens da Internet

AGENDA 2008

- * 31 de outubro - Noite das Ancestrais
- * 13 de novembro - Plenilúnio: Ritual de Purificação - Conexão com a Lua
- * 12 de dezembro - Plenilúnio: Celebração da Deusa asteca Coatlicue
- * 21 de dezembro: Comemoração do solstício: O Fogo Sagrado da Família - *Aberto para homens*



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Outubro de 2008, nº 108



Mirella Faur

As Virgens Negras



As Virgens Negras são registros valiosos de uma época em que a Terra era reverenciada como Mãe e todas as criaturas eram Seus filhos. Diferentes das Virgens Brancas - que personificam dogmas e virtudes cristãos de obediência e resignação-, as Negras têm em comum as qualidades telúricas e sua localização em sítios arqueológicos que comprovaram a existência de deusas pré-cristãs. Tradições religiosas antigas como a gnóstica, hebraica e cristã contêm elementos da mitologia e iconografia das deusas asiáticas, sumérias, egípcias e europeias, guardando a sua associação com luz e sabedoria, mas desprovidas da unidade primordial entre Céu e Terra. Inúmeras das imagens e estátuas destas deusas são negras, cor que evoca o mistério impenetrável da Fonte Criadora. Ísis e Shekina são cobertas

por mantos ou véus pretos, Cibele era venerada como um bloco de pedra preta, Deméter e Athena tinham versões escuras e a belíssima e tocante estátua de Ártemis de Éfeso, a Mãe dos mil seios, era negra.

Nos primórdios do cristianismo o princípio feminino era representado por Virgens Negras e Brancas e por uma multidão de santas, todas brancas, com exceção de Sara, a Egípcia, padroeira dos ciganos. À medida em que a religião cristã se expandia e se fortalecia, as estátuas de mármore e bronze das deusas pré-cristãs eram destruídas e seu culto perseguido e proibido. Porém, em lugares remotos dos países cristianizados, fieis dos antigos cultos preservaram seus ídolos domésticos e pequenas estátuas, escondendo-os nas grutas e fendas da terra, em criptas dos templos antigos, perto de fontes e rios e no oco das árvores. Alguns foram encontrados na proximidade dos centros religiosos dos cátaros e templários e nos lugares onde foi preservado o culto da Mãe Divina e de Maria Madalena. Em todos estes locais “apareceram” posteriormente e de maneira milagrosa imagens das Virgens Negras, encontradas por pessoas humildes, animais ou crianças. Muitas delas foram perdidas ou destruídas por fanáticos e guerras, enquanto sua verdadeira origem e significado estavam sendo esquecidas. No entanto, sua lembrança influenciou gerações posteriores de escultores e artistas religiosos que reproduziram suas imagens, surgindo assim representações mais recentes, com características e trajes cristãos, mas preservando a cor negra. No século VII e VIII chegaram na Europa estátuas originais das deusas antigas trazidas do Oriente Médio pelos Cruzados. Na Idade Média os altares dedicados à Virgem Negra na Europa eram os mais procurados e venerados. Os antigos locais sagrados e templos das deusas pré-cristãs foram adaptados à nova religião e dedicados à Maria, para quem foram

“transferidos” atributos e poderes da Deusa, pois não tinha sido possível extinguir da alma popular a veneração milenar de uma Mãe Divina. A partir do século X o culto das Mães negras se intensificou de tal forma que ultrapassou o do Pai e Seu Filho. Reis, guerreiros, camponeses, mulheres, doentes e peregrinos se ajoelhavam juntos perante as imagens das Virgens milagrosas nas inúmeras igrejas e grutas a Elas dedicadas nos países europeus, orando, fazendo seus pedidos e deixando votos e contribuições. Milagres e aparições aconteciam com frequência, principalmente curas de mulheres, enfermos e crianças. A Virgem Negra tornou-se motivo predominante na literatura mística e alquímica dos séculos XII e XIII. Também impulsionou a construção de inúmeras catedrais, igrejas e permanentes romarias.

As tentativas da igreja cristã para explicar a cor negra das estátuas eram equivocadas e sem fundamento: alegavam o escurecimento pela fumaça das velas ou reações químicas dos pigmentos das tintas. Era necessário ocultar e distorcer o verdadeiro significado da cor preta, atributo milenar da terra, do inconsciente, da fase escura da Lua, do poder misterioso e sagrado da mulher, da sabedoria ancestral que aceitava a morte seguida pelo renascimento, assim com o dia segue à noite. O culto da Virgem Negra representava a perpetuação do princípio feminino em uma cultura e religião patriarcal e misógina e por isso devia ser abolido ou desacreditado. Apesar da oposição dos teólogos cristãos, da perseguição pela Inquisição, da destruição de inúmeras imagens pelos protestantes, revoluções, guerras e reformas políticas, do “disfarce” tingindo as estátuas de branco, o fenômeno complexo e multifacetado das Virgens Negras persistiu ao longo dos séculos. As fogueiras da Inquisição foram seguidas pela frieza da Era da Razão e do materialismo científico, que antagonizava tudo o que era relacionado ao princípio feminino. Porém, no século XIX e XX aparições marianas reanimaram o culto da Virgem Negra e a necessidade de conciliar religião e sexualidade trouxe de novo os valores telúricos e femininos à consciência coletiva. Algumas das Virgens Negras se tornaram símbolos religiosos e mesmo padroeiras nacionais, como a Virgem de Guadalupe, a Madona Negra de Czestochova (Polônia) e a nossa Senhora de Aparecida.



Atualmente intensificou-se o movimento internacional ao redor de imagens de Madonas e Deusas Negras na esperança de criar uma ponte de ligação entre grupos étnicos, movimentos ecológicos e feministas, teologia da libertação e teorias filosóficas e políticas. No aeroporto de San Francisco existe uma escultura de Beniamino Bufano reproduzindo uma Madona Negra com seios nus, semelhante à deusa Astarte, enquanto outra na Califórnia evoca Ísis. Em 1991 na Polônia houve um “encontro” de Madonas Negras, que reuniu em exposição a hindu Kali com a Virgem de Guadalupe e a Madona de Czestochova. A intensa e extensa veneração da Madona Negra na Itália tem um equivalente no Brasil no culto das deusas afro-brasileiras e nas oferendas anuais nas praias para Iemanjá, a Negra Mãe das águas, enquanto na França, em Saintes Marie dela Mer procissões, missas e oferendas no mar reverenciam a negra Sara Kali.

Apesar da diversidade de aparências, origens e antiguidade, as Virgens Negras evocam as memórias ancestrais do culto da Grande Mãe, fonte de vida e regente de todas as suas fases, do nascimento à morte e regeneração. Elas são a continuação - sob uma nova denominação e na nova religião - da reverência ancestral ao sagrado poder feminino. Autênticas ou réplicas modernas das antigas estátuas, as Virgens Negras evocam a sua origem ctônica, aquática e vegetal e as memórias ancestrais da Mãe Terra, pois a sua antiguidade supera a das religiões e civilizações. Elas têm um intenso poder de cura e transformação, pois possuem o antigo axé das deusas telúricas, Senhoras da vida, morte e regeneração.

A sua aparição nos sonhos, visões e terapias das mulheres contemporâneas representa uma mensagem do feminino sagrado e transcendente. Estas aparições também são um incentivo para transpormos as pontes que nos afastam e separam da fonte original e são o aviso urgente e premente de reconhecermos o poder sagrado da Terra e da mulher, da diversidade de todas as formas de vida e da necessária inclusão em uma harmoniosa e abrangente parceria. Nossa sobrevivência como Filhos da Terra depende da nossa capacidade de resgatar, honrar e cuidar da Sua luz, que brilha oculta na escuridão da nossa inércia, indiferença, esquecimento ou ganância.



Posta-restante

Maria,

Agrada-Me constatar que, cada vez mais, a intimidade do silêncio revela a você outro gole de calma, um passo além, em direção a si mesma. E, longe dos barulhos cotidianos, afastada da tagarelice que aturde e embota os sentidos, você desperta para o Meu encontro. Num cenário de entardecer, o burburinho das inúmeras possibilidades vai tomando modos e a excitação da descoberta acomoda-se em almofadas de encantamento e observação. Até o medo, senhor da ansiedade, dissolve a própria eloquência vazia, parando para ouvir. E embora, onde quer que você vá, o Amor seja o laço a nos unir, é nesses espaços sutis que seu coração percebe melhor Minha presença.

Apresento a você a sacralidade da escuridão da terra e, neste fértil momento onde apenas aparentemente você está só, inundo sua alma com a Minha força nutridora. Acolhida em Meu seio, você tem a segurança de observar o que cultiva e expressar a gestação percebendo-se, em um só tempo, lavradora e semente. Avalie o que brotou, ouse cuidar daquele sonho antigo que tenta sobreviver entre cascalhos de desesperança. Sobretudo, há que renovar a terra, podar excessos, adubar, lembrando que, ao semear sem a devida atenção, poderá comprometer a harmonia de seus canteiros.

E siga sua jornada, filha querida, sabendo que cada grão tem seu próprio tempo para germinar! Eu, que sou o negro da Luz, a força transformadora do Amor, seguro sua mão em cada gesto corajoso de integração de opostos e transmutação, nutrindo em você a certeza de que a Vida se renova numa linda espiral, encadeando sementeira e colheita.

Em perfeito e fecundo Amor,
Aquele que é.

Jornada Feminina com
Mirella Faur!

Em Dezembro
Aguarde!



Arte na Vida

Tempo e cor. Cor, ação. Coração



Correria, luz,
figurinos,
decorar, saber de
cor, com
coragem,
Cor nas falas,
plano de ação,
trajetória de
movimentos,

Voz, dicção, altura, postura, tensão, deixar-se permear,

Afetar o outro com o seu tempero.

Ter ataques de vida-válida

Fazer valer a cena, senti-la em todos os músculos,

Nada tem a ver com mentir, isso de interpretar,

O dia-a-dia, o não tempo para nada, os desencontros,

A arte é mesmo uma amante ciumenta
Sorrimos, estressamos, choramos, nos
cavamos e nos escondemos,

Somos seres humanos tentando

Driblar também os julgamentos

'Você trabalha ou só brinca?'

Trabalhamos muito, pouca recompensa,
Mães solteiras e atrizes ainda são uma
ofensa

Ao belo, certo, correto e adequado,
Mas o mundo do artista não é assim
quadrado,

Misturados entre o sim e o não, entre o
querer e o não dever,

Fazemos. A arte sai assim de alguma
maneira.



De fora para dentro...

Mel de abelha

O mel, ao contrário dos outros açúcares, possui em sua composição proporções equilibradas de: proteínas e aminoácidos, enzimas, hormônios, vitaminas (B1, B2, B3, B5, B6, E, K, A e C) e diversos oligoelementos e sais minerais imprescindíveis ao bom funcionamento do corpo humano, tais como: potássio, ferro, cobre, manganês, silício, cloro, cálcio, lítio, fósforo, alumínio, magnésio, enxofre e iodo. É um dos poucos alimentos com reconhecida ação bactericida.

Maravilha das maravilhas, o mel protege o fígado, tem propriedade laxante suave e é muito eficaz no tratamento das doenças respiratórias. Tudo isto não é razão para substituir o açúcar refinado pelo mel?

